

Organizações Culturais, Relações de Poder e Transformações no Espaço: o caso do Instituto Europeo di Design no Rio de Janeiro

Autoria: Cristiane Simões Netto Costa, Marcelo Milano Falcão Vieira

Resumo

A fim de compreender como as relações de poder estruturam a dinâmica do espaço, realiza-se neste trabalho uma análise dos acontecimentos relacionados à instalação do Instituto Europeo di Design (IED) no Rio de Janeiro, Brasil. O Bairro da Urca dividiu-se diante da possibilidade de instalação da escola italiana no antigo Cassino da Urca, onde também funcionou por muitos anos a TV Tupi. Após o fechamento da emissora pelo Governo Federal, o prédio permaneceu fechado e em processo de deterioração por muitos anos. Nesse período, vários projetos foram apresentados para sua recuperação, sem sucesso, até que no ano de 2003 foram iniciadas as obras de revitalização do prédio para a instalação de um museu no local. Sob a alegação de falta de recursos, as obras foram interrompidas, até que, no ano seguinte, foi anunciada a cessão do prédio ao IED. Esse fato intensificou as disputas sobre o uso do local, bem como as manifestações em protesto ou apoio à permanência do instituto no bairro, configurando-se numa série de transformações no espaço. Para o estudo dessas transformações adotou-se o conceito de espaço definido por Milton Santos, que o caracteriza como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações, considerando necessária sua análise numa perspectiva histórica. Para a identificação e análise das relações de poder envolvidas no processo de instalação do IED foram utilizadas as noções de poder social apresentadas por Norberto Bobbio. A análise foi realizada a partir da consulta a dados primários e secundários. Os dados primários foram coletados durante as visitas ao bairro para observação das instalações ao redor do instituto, participação em reuniões da associação de bairro e consulta a documentos oficiais. Os dados secundários foram coletados a partir de notícias sobre o processo de revitalização do antigo Cassino da Urca e instalação do Instituto Europeo di Design no local, publicadas em jornais e revistas impressos, jornais *on line* e *blogs* disponíveis de agentes envolvidos no processo. A análise foi realizada por meio de triangulação entre informações, dados e registros fotográficos sobre diferentes momentos do processo de instalação do IED no Rio de Janeiro, buscando identificar e relacionar elementos envolvidos na reconfiguração do espaço, desde a desapropriação do prédio pela Prefeitura. Constatou-se, então, que a caracterização do bairro não pode ser feita apenas a partir de seus aspectos materiais, mas em conjunto com as subjetividades e fatos observados ao longo do tempo. A instalação do IED repercutiu de diversas maneiras, não somente no aspecto físico da recuperação do prédio, que impacta visualmente mesmo à distância, mas também na dinâmica das relações entre os diferentes atores envolvidos. A ação isolada de cada ator social e organizacional interfere mais ou menos, de acordo com o volume de recursos de poder que possui, mas não é determinante da dinâmica espacial.

Introdução

A instalação de equipamentos culturais como âncora de projetos de reurbanização a partir da restauração ou revitalização de prédios degradados é uma prática corrente em diversas cidades do mundo (A. Santos, Kessel & Guimaraens, 2004; Vaz, 2004; Sacco, Blessi & Nuccio, 2009). Em geral esses equipamentos são considerados importantes para o processo de reocupação de áreas abandonadas das cidades, como antigos centros comerciais, portos e ferrovias desativados, apresentando-se como proposta de uma nova dinâmica para bairros e cidades por meio da oferta de atividades culturais.

Na perspectiva teórica e de alguns gestores, as atividades culturais funcionam como geradoras de impacto econômico, porque ajudam a superar questões relacionadas à sazonalidade, comum às atividades industriais e econômicas, dependentes de fatores como demanda ou ciclos de produção, que, ao se esgotarem, tornam ociosas - temporária ou permanentemente - as estruturas que as mantêm. Dessa forma, compreendem que a opção pelo investimento em atividades culturais auxilia setores chave da indústria e contribui para o desenvolvimento das comunidades e empreendimentos locais, bem como para a reorganização do espaço urbano (Tay & Coca-Stefaniak, 2010; Canali & d'Angella, 2009; Volkerling, 2006).

Nesse sentido, Calil (2008) ressalta que há uma demanda latente por cultura na sociedade atual, e, por isso, na cultura a procura é induzida pela oferta, diferentemente do que ocorre na economia. Na mesma direção, Davies (2008, p. 71) afirma que “a cultura é o coração pulsante da nova cidade”. Ocorrem também os casos de apropriação da cultura como estratégia de marketing, como nas cidades de Berlin e Huhr, na Alemanha (Heinrich, 2008) e do uso da cultura associada à arquitetura espetacular, como no caso da instalação do Museu Guggenheim, na cidade de Bilbao, na Espanha (Rodriguez & Abramo, 2008). No Brasil, um exemplo dessa prática pode ser observado na cidade de Niterói/ RJ, com a criação do Museu de Arte Contemporânea (MAC) - hoje símbolo da cidade, bem como com a posterior criação do Caminho Niemeyer, projetado para a revitalização da orla, junto à Baía de Guanabara (Bruno, 2002).

Vaz (2004) destaca o surgimento nas últimas décadas de diversos termos que evidenciam a importância da cultura nos projetos de reurbanização, como: lugares e territórios culturais, pólos e distritos culturais, engenharia cultural, culturalização e planejamento cultural. Este, segundo a autora, é constituído de “projetos para intervenções urbanísticas nas quais se faz uso estratégico de recursos culturais, tendo por objetivo o desenvolvimento local, e que podem ou não estar associadas a planos e políticas culturais” (Vaz, 2004, p.3). A autora destaca ainda o crescimento das ponderações de ordem simbólica, como as relacionadas à identidade e à imagem, que vão além dos aspectos materiais das transformações espaciais.

Está presente nessas propostas de revitalização a introdução de novos elementos materiais e simbólicos a fim de intervir na dinâmica do espaço. Essas propostas de reconfiguração do espaço urbano evidenciam as inter-relações presentes no conceito de espaço, definido por M. Santos (2009) como um conjunto de sistemas interdependentes de objetos e ações, envolvidos numa sobreposição de transformações ao longo do tempo. Conforme o autor, cada mudança origina-se de e gera novas mudanças, pois “as formas espaciais também obrigam as outras estruturas sociais a modificarem-se, procurando adaptação, sempre que não possam criar novas formas” (M. Santos, 2008, p.45). Ainda segundo o autor, o espaço está incluído nessas condições relacionais, ao mesmo tempo em que estas se dão por intermédio do espaço, pois “é o espaço considerado em seu conjunto que redefine os objetos que o formam” (M. Santos, 2009, p. 97).

A gestão do espaço urbano apresenta-se como um desafio na atualidade, diante das diversas formas de poder envolvidas na configuração desse espaço, como observam Vieira e Vieira (2003). Para melhor compreensão dessa realidade, é adotado o conceito de poder social definido por Bobbio (2002), no âmbito da vida do homem em sociedade, como a capacidade -

real ou potencial - de agir ou produzir efeitos. Ainda conforme o autor, essa capacidade pode se referir a indivíduos ou a grupos de indivíduos, mas não a relações do homem consigo mesmo nem de domínio ou apropriação de recursos naturais, apesar de considerar que o domínio desses recursos pode ser convertido em recurso de poder. Na configuração do espaço urbano, são consideradas em diferentes níveis as relações entre representantes do Estado, do mercado e da sociedade.

A instalação do Instituto Europeo di Design (IED) no Rio de Janeiro apresenta-se como exemplo da complexidade dessas relações na configuração do espaço. A cessão ao IED do prédio que foi sede do Cassino da Urca e da TV Tupi, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, desencadeou uma série de reações favoráveis ou contrárias ao projeto. Uma delas partiu da comunidade, representada pela Associação de Moradores da Urca (AMOUR), por meio de ações junto à promotoria pública, mídia e mobilização dos moradores pelas ruas do bairro. Outra, pelos envolvidos nos projetos anteriores, como o ex-secretário municipal de urbanismo e herdeiros do patrimônio da TV Tupi, por meio de *blogs* particulares. O caso repercutiu também na Câmara de Vereadores, por esta não ter sido consultada, como exige a lei, para o processo de cessão. Outros aspectos como o tombamento do prédio e as leis de proteção ambiental, também foram foco de ações judiciais promovidas contra o instituto. Por outro lado, a Associação Comercial da Urca e Praia Vermelha (ACIURCA) manifestou seu apoio à vinda do IED para o bairro, ao mesmo tempo em que se percebe a instalação de novos empreendimentos comerciais nas proximidades do prédio ocupado pelo instituto.

É por essa variedade de ações e transformações que o processo de instalação do IED no Rio de Janeiro apresenta-se como um caso representativo para a análise das relações de poder envolvidas na reorganização do espaço urbano, bem como a melhor compreensão do processo de construção de novas formas organizativas por meio da análise das mudanças ocorridas na dinâmica do espaço numa perspectiva histórica. As contribuições da compreensão da dimensão espaço-tempo para os estudos organizacionais já foram destacadas por Vergara e Vieira (2005), como a sua influência nos padrões de organização das empresas.

As organizações culturais no centro das transformações do espaço urbano

O uso da cultura como eixo para a transformação urbana é uma prática que está inserida num amplo contexto de valorização da cultura como instrumento para o desenvolvimento (Vaz, 2004). Está relacionada, também, com a atual atenção da gestão à necessidade de reocupação dos vazios urbanos, ocasionados, principalmente, por questões relacionadas à falta de segurança e ao processo de descentralização do comércio e da indústria, que se converteram na degradação do espaço urbano. Os planos e projetos que articulam reurbanização com cultura são elaborados sob o argumento da reversão desse quadro.

Para Arantes (2002, p. 60), porém, os planos de reurbanização estão menos orientados para a correção dos problemas urbanos, e sim para “incrementar a proliferação urbana, para otimizar a competitividade das cidades”. Ainda conforme a autora, “Governantes, burocratas e urbanistas parecem convergir numa espécie de teorema-padrão: que as cidades só se tornarão protagonistas privilegiadas [...] somente se forem devidamente dotadas de um plano capaz de gerar respostas competitivas aos desafios da globalização, e isso a cada oportunidade de renovação urbana que porventura se apresente”. Nesse processo, os argumentos relacionados à cultura ganham destaque nos projetos de reurbanização.

Vaz (2004) destaca duas tendências observadas nos modelos de planejamento urbano pautados na cultura: gentrificação e espetacularização. A primeira é caracterizada pela expulsão da população local, seja por iniciativa do poder público, que desloca os moradores da área regenerada para outros locais ou porque se torna impraticável a permanência dos moradores nesses locais e da especulação imobiliária e a segunda pela supervalorização da imagem por meio de projetos exagerados como apelo para o processo de mercantilização das

idades ou marketing urbano.

Tay e Coca-Stefaniak (2010) analisam alguns estudos sobre o impacto dessas práticas, relacionados a diferentes modelos, como a regeneração por meio da cultura, com a oferta de projetos e mega-eventos, alguns apontando melhoria nas condições econômicas dos bairros porque atraem investimentos, publicidade e visitantes; reforçam a importância das indústrias criativas para a oferta de novas oportunidades e crescimento econômico para os países, entre outros benefícios, mas criticam a falta de evidências nesses estudos de que tenham promovido inclusão social e empoderamento da comunidade onde estejam inseridos (Ewans & Shaw, 2004ⁱ; Kwok & Low, 2002ⁱⁱ; Wee, 2003ⁱⁱⁱ; Ewans, 2001^{iv}; Kong, 2000^v e Chang, 2000^{vi}).

O conceito de espaço

O espaço não pode ser definido de forma simples nem única. Confunde-se ao longo do tempo com outros termos como território e lugar e tem sentidos específicos para os diferentes povos, em diferentes análises nas diversas áreas do conhecimento, como na sociologia, na geografia e nos estudos organizacionais.

Mesmo considerando limitada a apropriação do conceito de espaço nos estudos organizacionais, por identificarem uma supervalorização dos aspectos materiais, Taylor e Spicer (2007) identificam três formas de tratamento da questão: o espaço como distância entre dois pontos, o espaço como materialização das relações de poder e o espaço como experiência vivida. Porém, suas análises restringem-se ao ambiente interno das organizações, especialmente no que se refere ao ambiente de trabalho.

Na sociologia, destaca-se a Escola de Chicago como a pioneira na formulação de uma “concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço” (Frúgoli, 2007, p. 17), por meio da prática etnográfica para o estudo do contexto urbano. Serviu tanto aos estudos das co-presenças nas cidades – imigrantes, quanto, nos anos 60, para os estudos sobre o esvaziamento urbano, causado pelas intervenções do modernismo (Frúgoli, 2007).

Na Geografia, Soja (1993) sugere uma distinção entre as análises do espaço material e do social ou, como define o autor, “o espaço como um dado contextual e a espacialidade de base social”, sendo o último criado a partir da organização e da produção sociais, pois “o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais” (Soja, 1993, p. 100-101).

É nesse sentido que M. Santos (2009) apresenta uma ampliação do conceito no seu pensamento sobre o espaço geográfico. Num primeiro momento propôs que o espaço fosse analisado como conjunto de fixos e fluxos, onde

os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações que atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam (M. Santos, 2009, p.61)

Posteriormente, o espaço é analisado sob duas categorias: o território e as relações sociais, onde o território é configurado a partir dos sistemas naturais existentes no lugar associados aos acréscimos realizados pelo homem. O autor ressalta que o território por si só não se configura em espaço, pois não pode ser reduzido à materialidade, mas em conjunto com a vida que a anima.

A partir desses estudos, o autor define espaço como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá”, (M. Santos, 2009, p. 63).

Ainda conforme M. Santos (2009, p. 59), “cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes”, modifica o lugar ao mesmo tempo em

que ganha novo significado. É nesse sentido que a noção de totalidade do lugar se apresenta, dado que cada mudança no espaço no nível local está inter-relacionada com outros lugares, pois, conforme o autor, “o fato de que um ponto do espaço conheça uma nova definição, através do impacto de variáveis novas, muda as hierarquias e impõe uma nova ordem espacial que concerne à totalidade dos lugares”. Refere-se à totalidade porque conduz à modificação de todos os lugares, mesmo em níveis e tempos diferentes. Conforme M. Santos (2008, p.66), a cada nova atividade criada num lugar, “o ‘valor’ desse lugar muda, e assim o valor de todos os lugares também muda, pois o lugar atingido fica em condições de exercer uma função que outros não dispõem e, através desse fato, ganha uma exclusividade que é sinônimo de dominação”.

O poder social

Conforme Vieira e Lacerda (2010), o poder torna-se mais conhecido na modernidade com a definição postulada por Max Weber, como a capacidade que um ator tem, por meio de diferentes recursos, realizar sua vontade, numa relação social, apesar da resistência.

Num sentido amplo, o poder é definido por Bobbio (2002, p. 933) como “a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos”. Ao limitar a idéia de poder ao nível especificamente social, o autor define seu espaço conceitual compreendido entre “a capacidade geral de agir, até a capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem”, sendo o homem sujeito e objeto do Poder social, na concepção do autor. Ao considerar que o poder social é uma relação entre pessoas e não uma coisa ou a sua posse, Bobbio (2002) rejeita a definição apresentada por Hobbes^{vii}, que desconsidera o caráter relacional. Conforme (Bobbio, 2002, 934), “não existe poder se não existe, ao lado daquele que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja”.

Segundo Bobbio (2000) a tipologia clássica de poder compreende três formas: o poder paterno, o poder despótico e o poder político. Conforme o autor, essa classificação está pautada na perspectiva de Aristóteles, segundo a qual o poder é classificado de acordo com os interesses em favor de quem o é exercido, mas no âmbito do direito prevaleceu o tratamento fundamentado no princípio da legitimação: a natureza, no caso do poder paterno; o castigo, no caso do poder despótico e o consenso, no caso do poder político.

O autor ressalta que, mesmo considerando os dois critérios, essa tipologia não dá conta da complexidade da definição de poder político, por isso propõe uma classificação moderna em três tipos: poder econômico, poder ideológico e poder político. O poder econômico “é aquele que se vale da posse de certos bens necessários, ou assim considerados numa condição de escassez, para induzir aqueles que não os possuem a ter uma certa conduta” (Bobbio, 2000, p. 162); o poder ideológico “funda-se sobre a influência que as idéias formuladas de um determinado modo, emitidas em determinadas circunstâncias, por uma pessoa investida de uma determinada autoridade, difundidas através de determinados procedimentos, têm sobre a conduta dos consociados” (idem); já o poder político “funda-se sobre a posse dos instrumentos através dos quais se exerce a força física... é o poder coativo no sentido mais estrito da palavra” (Bobbio, 2000, p. 163). O autor ressalta que não é a força por si que caracteriza o poder político, e sim a exclusividade do uso da força e que, numa sociedade de desiguais, este é o poder supremo ao qual os demais estão de alguma forma subordinados.

Conforme Vieira e Lacerda (2010), as diferentes concepções de poder podem ser divididas em duas categorias: a perspectiva do poder assimétrico, que pressupõe uma diferença real ou potencial de condições entre os participantes da relação, tendendo a conflitos e a do poder simétrico, caracterizado por Lukes (1980) como uma capacidade de realização coletiva, a partir da concepção de que todos os participantes podem ganhar por meio de uma conjunção de vontades, sendo consideradas como violência as relações destoantes.

O método

Apresenta-se neste trabalho uma proposta de análise integrada entre as relações de poder e a dinâmica espacial, observada em diferentes momentos do processo de instalação do IED no Rio de Janeiro. A análise foi realizada por meio de triangulação entre informações, dados e registros fotográficos coletados, buscando a identificação e relação entre elementos considerados relevantes para o processo de reconfiguração do espaço observados no estudo.

Os dados primários foram coletados por meio de visitas ao bairro para observação simples e registro de imagens das instalações nas áreas próximas ao instituto, participação em reuniões da associação de bairro e consulta a documentos oficiais. Entre os documentos oficiais consultados encontram-se o Projeto de Lei nº 1552/2007, de autoria do vereador Eliomar Coelho, sobre a definição e alteração do uso de imóveis para a proteção do entorno do Bairro da Urca; o Decreto 1.446/1978, sobre o projeto de estruturação urbana, sobre a proteção ambiental e preservação paisagística das áreas próximas aos morros da Urca, Pão de Açúcar e Babilônia e a Resolução nº 01-19ª RO – 09/07 – resultante da 19ª Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio de Janeiro (IAB/RJ), tratando especificamente sobre o uso e o licenciamento para as obras do IED.

Os dados secundários foram coletados a partir de notícias sobre o processo de revitalização do antigo Cassino da Urca e instalação do Instituto Europeo di Design no local, publicadas em meio impresso e internet. Constituem as bases desses dados os jornais e revistas impressas, como o jornal da associação de bairros – o jornal da AMOUR, o jornal O Globo e a Revista Veja, juntamente com seu suplemento, a Veja Rio. Na internet, foram consultados jornais online como o Jornal do Brasil (JB), e pá também páginas virtuais de jornais de grande circulação, como O Globo, Estadão e Folha de São Paulo. Foram consultados também a página da associação de moradores, os blogs e páginas dos atores envolvidos, entre elas a do ex-secretário municipal de urbanismo - Alfredo Sirkis, do vereador Eliomar Coelho e as páginas do IED São Paulo e do IED Rio de Janeiro.

Espaço e Poder: uma análise da instalação do Instituto Europeo di Design no Rio de Janeiro

A análise se divide em dois momentos: o primeiro, a partir da desapropriação do Cassino da Urca pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2001, até o início das obras de revitalização; o segundo compreende a cessão do prédio ao Instituto Europeo di Design no ano de 2006 e sua repercussão até os dias atuais. Cada período é analisado a partir de três categorias: as mudanças do espaço físico e econômico; identificação dos atores e interesses envolvidos e a dinâmica das relações observadas. Inicia-se essa análise com a descrição de algumas características do bairro e do prédio, consideradas relevantes para a compreensão da análise. Essas informações serão detalhadas posteriormente, a partir dos trechos destacados das notícias referentes a cada período.

O Bairro da Urca, onde se instalou o IED fica localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. É considerada uma área nobre da cidade, caracterizada pelas paisagens do Morro do Pão de Açúcar e do Morro da Urca, cartões postais da cidade. É um lugar muito disputado para a moradia porque, além das belezas naturais, oferece segurança e tranquilidade aos seus moradores, especialmente pela presença de instituições das Forças Armadas (Exército e Marinha).

Ladeira (2010) apresenta uma sucinta cronologia sobre os usos do local onde está instalada atualmente a sede carioca do Instituto Europeo di Design. Segundo ele, o prédio foi construído para receber os visitantes da Exposição 1922, evento comemorativo ao Centenário da Independência do Brasil. Funcionou como Hotel Balneário até 1933, quando foi adaptado, para a abertura de um cassino no local. Foi reinaugurado em 1936, passando por novas reformas e promovendo espetáculos de dança e música, destacando-se as apresentações de

Carmem Miranda, que tornaram a artista e o Cassino da Urca conhecidos em outros locais pelo Brasil e no exterior. Com a proibição dos jogos no Brasil, o cassino foi fechado no ano de 1946. O prédio ficou sem uso até 1950, quando foi comprado para a instalação da sede carioca da TV Tupi, que ali operou até 1980, ano em que teve seus transmissores lacrados pelo Governo Federal. O prédio permaneceu fechado por mais de 20 anos, sem uso e em processo de deterioração.

Atualmente, encontra-se recuperada a parte do prédio voltada para a Praia da Urca, que abriga as salas de aula e a administração da escola (**Figura 1 e Figura 2**). Porém continuam tramitando as ações judiciais contra a instalação do instituto e permanece inalterado o prédio anexo, que, conforme o contrato, seria destinado a exposições e atividades culturais.



Figura 2 – Reforma concluída em 2009

Fonte: IED Rio de Janeiro - www.ied.edu.br/riodejaneiro



Figura 1 – Fachada antes da reforma

Fonte: IED Rio de Janeiro - www.ied.edu.br/riodejaneiro

As mudanças no espaço a partir da desapropriação do Cassino da Urca

Diante das condições precárias em que se encontravam o prédio do Cassino da Urca e seu entorno, é decretada em 2001, pelo então Prefeito César Maia, a desapropriação do prédio. No momento em que se deu a desapropriação do prédio, predominavam na área próxima uma série de lojas destinadas ao atendimento das necessidades dos moradores, como ferragem e tintas, comida congelada e internet. No mesmo ano da desapropriação é inaugurado o Instituto Cravo Albin, um centro de memória e pesquisa sobre a música popular brasileira, numa área muito próxima ao prédio.

Nenhuma intervenção foi realizada até o ano de 2003, quando o prédio foi devidamente apropriado pela Prefeitura e o seu uso foi destinado como abrigo para o Museu do Desenvolvimento Urbano. Daí se iniciam as obras.

Ainda no ano de 2004 é anunciada a instalação da primeira filial não europeia do IED, na cidade de São Paulo, onde já havia instalado um escritório de representação: “Em março deste ano, o IED abriu em SP um escritório de representação com o objetivo de ser um ponto de referência sobre informações do IED, de seus cursos e de viagens e acomodações para os estudantes. A relação já estabelecida com o setor empresarial brasileiro foi um dos motivos da escolha da cidade, entre outras da América do Sul e da Ásia” (Moraes, 2004).

Destacam-se nesse período as ações da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, desde o decreto da desapropriação até o encaminhamento do projeto do Museu do Desenvolvimento Urbano e captação de recursos para a obra, nas pessoas de Cesar Maia (Prefeito), Alfredo Sirkis (Secretário Municipal de Urbanismo) e Ana Borelli, Diretora do Centro de Arquitetura e Urbanismo (CAU), responsável pela realização do projeto. A Associação de Moradores aparece como participante ativa no acompanhamento da elaboração e implementação do projeto: “... houve tentativas de reativar o prédio por parte de algumas empresas, mas elas sempre enfrentaram resistências no bairro, principalmente, da poderosa Associação de Moradores da Urca (AMU). ‘Agora eles estão a favor, porque querem a revitalização do prédio, com uma frequência tranqüila e selecionada’, diz Sirkis. ‘Queremos unir forças com instituições do bairro, desde o Instituto Ricardo Cravo Albin, que funciona em frente, ao Roberto Carlos, que vive na Urca há muitos anos’ (Estadão, 2003).

O projeto para o Museu do desenvolvimento urbano é elaborado pelo Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, dirigido por Ana Borelli. A diretora é esposa do Secretário Municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis, engajado no processo de desapropriação do prédio e captação de recursos para as obras de reforma: “Os R\$ 12 milhões são uma das maiores cifras já pedidas nesse tipo de patrocínio, mas Ana está confiante. ‘São 5.500 mil metros quadrados e já há muitos interessados’, garante. O secretário municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis, marido de Ana, também está animado. ‘Se a iniciativa privada não cobrir tudo, a prefeitura completa.’” (Estadão, 2003).

No ano de 2005 são interrompidas as obras na área interna, que já se encontrava em fase de demolição. Essa interrupção se deu sob a alegação de falta de recursos, como informado no blog do ex-secretário municipal de urbanismo (Sirkis, 2010).

As mudanças a partir da cessão do prédio ao Istituto Europeo di Design

A instalação do Istituto Europeo di Design é anunciada no ano de 2006, repercutindo nas diversas dimensões do espaço. Algumas alterações podem ser observadas em relação à configuração dos espaços físico e econômico apresentados até então, como mostram as **Figuras 3 e Figura 4**.



Figura 3 – Mapa dos empreendimentos no momento da desapropriação do Cassino da Urca



Figura 4 – Mapa atualizado dos empreendimentos próximos ao IED

A imagem mais impactante da transformação é a que revela o prédio restaurado, contrastando imediatamente com a imagem anterior, do espaço degradado, como apresentado anteriormente, na **Figura 1** e na **Figura 2**. Outros fatores como a iluminação e recuperação das calçadas, contribuíram para o incremento do uso espaço externo do prédio pela população, seja por moradores de bairros mais distantes, seja pelos moradores da Urca.

A **Figura 3** e a **Figura 4** permitem a visualização das transformações econômicas. Em destaque está o menor prédio (1A), já restaurado, que abriga as salas de aula e administração do Instituto Europeu de Design. Observa-se no momento da desapropriação da TV Tupi e antigo Cassino da Urca o predomínio, nas proximidades do prédio, de um conjunto de empreendimentos voltados para o atendimento das necessidades dos moradores, como farmácia, casa de ferragens e tintas e alimentos congelados. No momento atual identificou-se um incremento no número de bares e restaurantes, empreendimentos orientados para o atendimento de visitantes.

Somam-se novos atores aos já envolvidos desde a primeira etapa. O Arquiteto responsável pelo projeto, Ado Azevedo, os diretores do IED Italiano, o Diretor da escola no Brasil, os moradores do bairro, a associação comercial (ACIURCA), Ministério Público, o Departamento do Rio de Janeiro do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RJ), o Iphan e a Câmara de Vereadores.

Logo depois de ter sido firmado o acordo entre a Prefeitura e o IED, o Arquiteto responsável pelo projeto comenta sua intervenção no processo: “- Foi uma sorte! Assim o arquiteto e designer gaúcho Ado Azevedo explica como conseguiu instalar, nos escombros do antigo Cassino da Urca, a sede carioca do Instituto Europeu de Design (IED) que, em uma no, estará pronta para funcionar” (Cezimbra, 2006). Na mesma matéria, é indicada a relação do arquiteto com o IED:

Ado fez mestrado em design no IED de Milão, em 1988, e lá ficou como diretor do Centro de Pesquisas do instituto até voltar para o Rio, em 1995. sem jamais perder o contato com os colegas e já amigos italianos. Quando o IED inaugurou sua sede em São Paulo, há dois anos, Ado ciceroneava os amigos pelas praias do Rio (idem).

Há indícios também da relação entre a instalação do IED e de outros empreendimentos, e ainda destes com o aumento do movimento de pessoas no bairro: “os frequentadores, que aumentaram depois da inauguração do Boteco Belmonte, bem ao lado do polêmico prédio do Instituto Europeu de Design, o IED” (Lemos, 2009).

Os empreendimentos foram alvo de críticas por parte de representantes da Amour contra sua instalação e permanência no bairro, sob o argumento da intensificação do fluxo de veículos. Os moradores mobilizam recursos para impedir a instalação do instituto no bairro, como a articulação com artistas e representantes de partidos políticos e órgãos públicos. Organizam passeatas e manifestações pelo bairro (**figura 5**), além de responder por meio de cartas ou diretamente na internet as matérias publicadas sobre o instituto e demais empreendimentos que se instalam no bairro.



Figura 5 – Moradores da Urca protestam contra a instalação do IED no bairro
Fonte: MONTEIRO, 2008

Já a associação comercial manifesta seu apoio à instalação do instituto no bairro: “O que prejudica o bairro é manter aquele prédio caindo aos pedaços”, afirma João Ricardo Moderno, diretor da Associação Comercial da Urca” (Sá, 2007). Também a Prefeitura indica as causas que justificam a preferência pela instalação do instituto em detrimento de outros projetos:

A prefeitura descarta esse e os projetos anteriores. “Eles não se viabilizariam economicamente”, acredita o secretário das Culturas, Ricardo Macieira. “Não basta recuperar o patrimônio, é preciso dotá-lo de sustentabilidade”. Pelo contrato firmado entre a prefeitura e o IED, o instituto italiano usará recursos próprios nas obras (investimento de 17 milhões de reais, fora equipamentos). (idem).

Uma sequência de decisões e sobre o uso e as obras no prédio, envolveram interrupções e propostas de ajustes no projeto, conforme as notícias publicadas entre os anos de 2008 e 2010 (Tabela 1):

Tabela 1:

Trechos de notícias sobre o processo de instalação do IED na Urca, destacados para a identificação dos atores sociais e recursos envolvidos

Chamada	Fonte	Trechos
Justiça proíbe que IED, na Urca, inicie cursos após término das obras	Jornal O GLOBO 26/06/2008	A 3ª Vara de Fazenda Pública do Tribunal de Justiça (TJ) deferiu parcialmente o pedido de liminar da 7ª Promotoria de Tutela Coletiva na ação por ato de improbidade administrativa, visando a invalidar a cessão de uso do imóvel do antigo Cassino da Urca ao Instituto Europeu de Design (IED) . Além da invalidação da cessão, o Ministério Público estadual pediu que o prefeito Cesar Maia e o secretário das Culturas, Ricardo Macieira, fossem condenados a ressarcir os prejuízos causados ao tesouro municipal.
Urca: novela do IED tem capítulo na Câmara	Jornal do Brasil (JB) 26/05/2009	A novela em que se transformou a destinação do antigo prédio da TV Tupi e do Cassino da Urca terá mais um capítulo quarta-feira, na Câmara de Vereadores do Rio. A Casa vota, já em segunda discussão, um projeto de lei do vereador Eliomar Coelho (PSOL) que tomba várias construções na Urca e em seu entorno – entre elas, o Cassino...
Paes veta lei que tomba o Cassino da Urca	O GLOBO 10/07/2009	O prefeito Eduardo Paes vetou nesta quinta-feira o projeto de lei 1552/2007 de Eliomar Coelho (Psol) que tomba por interesse histórico e cultural o prédio do Cassino da Urca criando uma área de proteção do seu entorno.
Para viabilizar IED, prefeito vai propor 'ajustes' aos moradores da Urca	O GLOBO 13/06/2010	- Eles estavam proibidos de funcionar enquanto a ação não fosse julgada e fizeram pedido para reverter isso. Receberam a autorização, mas cabe recurso e tentaremos derrubá-la. Ganharam uma batalha, não a guerra . O mérito da ação ainda será julgado. Ele diz respeito à denúncia de irregularidades na cessão do cassino ao instituto, feita sem licitação. Isso já foi questionado pelo Tribunal de Contas do Município - relata Celi (Presidente da Amour). Paes defendeu que o IED não trará problemas para o

		<p>bairro.</p> <p>- O instituto é um golaço para a cidade. Acho que é o caso apenas de fazer pequenos ajustes. Quero fazer uma reunião com os moradores para debater quais seriam esses acertos, especialmente em relação ao trânsito</p> <p>- afirmou o prefeito.</p>
IED anuncia retomada das obras na antiga Tupi	JB 14/06/2010	<p>Apesar da polêmica entre moradores da Urca, o Instituto Europeu de Design (IED) pretende reiniciar em breve a restauração do segundo prédio da antiga TV Tupi, onde deverá funcionar a escola, cuja abertura foi autorizada pela Justiça na última sexta-feira</p>
IED ainda esbarra em obstáculos judiciais	Blog Vereador Eliomar Coelho 14/06/2010	<p>A autorização provisória para funcionamento do Instituto Europeu de Design, no prédio tombado do Cassino da Urca, não significa um ponto final nesta história. Quero ressaltar que, de acordo com a Lei Orgânica do Município, de 5 de abril de 1990, a cessão de um prédio público é, necessariamente, apreciada pela Câmara Municipal. A cessão ao IED não atendeu a esse requisito.</p>

Algumas relações e usos menos evidentes podem ser destacados, como, por exemplo, as possíveis causas da falta de manutenção e de continuidade nas obras de revitalização. O prédio anexo ao já recuperado, permanece inalterado e oferecendo riscos à segurança e à saúde da população. A esse contexto, relacionam-se pelo menos dois conjuntos de relações: o do IED com a Prefeitura, dado que foi estabelecido um contrato de cessão que, se de um lado não vem sendo cumprido, de outro, não está sendo fiscalizado; outra, também relacionada com a primeira, se dá numa dimensão mais ampla, que compreende o Estado, representado pelo Ministério Público, a comunidade, representada pela associação de moradores e, novamente, o IED. Essas relações compreendem outras sub-relações, como as articuladas entre a associação de moradores (AMOUR) e a Comissão de Patrimônio do Departamento do Rio de Janeiro do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), explícita na ata da 19ª Reunião Ordinária, realizada em setembro de 2007.

Outro fato relevante observado foi a articulação entre forças que, por convergência de interesses são estabelecidas em detrimento da oposição observada no momento anterior à instalação do IED. É o caso de ações entre o ex-secretário municipal de urbanismo e a associação de moradores: “A Amour queria um Museu da Cidade no local, como a prefeitura havia planejado. No entanto, faltou dinheiro. ‘Isso, sim, era compatível com o tamanho do bairro.’^{viii}” (O Estado de São Paulo Online – 15/06/2010);

... surgiu um novo projeto para o local com uma concessão não licitada para o Instituto Europeu de Design que vem levantando polemica em função de seu possível impacto de vizinhança e de aspectos legais. Por outro lado os moradores da Urca, representados pela Amour, que foram a todo momento participes do projeto do Museu do Rio, manifestam sua oposição. (Sirkis, 2010)

Porém, apesar dessas afirmações, estão registradas na ata elaborada pelo IAB as restrições apresentadas pela Amour com relação ao projeto do museu, no ano de 2004. Entre as considerações mais relevantes, os moradores destacaram: a possibilidade de atração de um contingente de público incompatível com a estrutura do bairro caso fosse mesmo criado um auditório com 400 lugares, como previsto no projeto; a eliminação dos telhados originais do prédio com a construção de um estacionamento no local; a brusca alteração no desenho original da fachada do prédio voltado para a praia.

Já o IED vem buscando legitimidade para a permanência no local por meio de parcerias com organizações locais, apoiando atividades esportivas e culturais realizadas no município, como ao Guaíba esporte Clube, cedendo as cabines e a iluminação externa para os jogos noturnos na Praia da Urca, onde está instalado, e a uma exposição realizada no Espaço Oi Futuro, no bairro Flamengo. Atua também nas redes sociais digitais, como o Twitter e o Facebook, divulgando seus cursos e eventos.

Considerações Finais

Os resultados indicam que existem diferentes grupos de interesse, com recursos de poder distintos, que atuam com destaque na dinâmica do espaço: os funcionários do IED, as associações (AMOUR e ACIURCA), o Poder Executivo do Município, a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, os investidores em novos empreendimentos comerciais, os agentes envolvidos em projetos anteriores para o local e, ainda, os formadores de opinião, como artistas e políticos que manifestam sua posição em relação à instalação do IED no bairro.

O Instituto aparece como elemento mais forte nas relações de poder, possivelmente pelos recursos financeiros e simbólicos que oferece em contrapartida à sua instalação no local. O governo local aparece como o mais forte aliado, oferecendo ao instituto dispositivos legais para sua permanência, bem como colaboração na divulgação de uma imagem positiva junto à comunidade.

No que se refere ao papel do governo local, observou-se a existência de um discurso sobre preservação e manutenção de prédios históricos como sendo responsabilidade do Estado. Entretanto, esse discurso acabou por distanciar-se da prática, uma vez que todo o projeto de restauração e utilização do prédio foi cedido para uma organização privada: o Instituto Europeu di Design. A justificativa para este fato está baseada na instrumentalidade. Diz respeito à ineficiência na gestão do patrimônio e do espaço público.

Verificou-se que a dinâmica do espaço obedece a uma lógica própria, negociada entre os diversos atores sociais que o constroem e o transformam constantemente. A ação de cada ator social e organizacional individualmente interfere mais ou menos, de acordo com o volume de recursos de poder que possuem, mas não se pode dizer que há um elemento único determinante da dinâmica espacial. Cabe ressaltar que as ações, reações e transformações observadas no processo de instalação do Instituto Europeu di Design na Urca, não são simplesmente o reflexo dessa intervenção, mas o resultado de um conjunto de decisões envolvidas, que se dão de acordo com o tipo e o grau de inter-relação entre atores, as peculiares do local, suas características naturais e sociais.

Referências

- Arantes, O. (2002). Cultura e Transformação Urbana, In Pallamin, V. (Org.). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Bobbio, N. (2000). Política, moral, direito. In Bovero, M. (Org.). *Teoria Geral da Política: a filosofia política e a lição dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bobbio, N. (2002). *Dicionário de Política* (12ª Ed.) (pp. 933-943). Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Bruno, J. (2002). O Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ – uma estratégia de promoção da imagem da cidade. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 4 (1/2 – Maio – Novembro), 91-105.
- Calil, C. (2008). Sede de Cultura. In Coelho, T. *A Cultura Pela Cidade*. (pp. 161-172). São

Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

Canali, S. & d'Angella F. (2009, Spring). Managing Cultural Events and Meetings Activities in European Urban Destinations. *International Journal of Arts Management*, 11(3).

Cezimbra, M. (2006, janeiro 10). O novo design do Cassino da Urca. *Revista O Globo*. Rio de Janeiro.

Davies, R. (2008). A cultura é o futuro das cidades. In Coelho, T. *A Cultura Pela Cidade* (pp. 71-86), São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

Estadão. (2003). “Cassino da Urca vai ser restaurado e virar museu”. Estadão.com. São Paulo. Recuperado em 30 de agosto de 2010, de <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2003/not20030803p8556.htm>.

Frúgoli, H. Jr. (2007). *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Heinrich, B. (2008). Mudando Cidades: um novo papel para a política cultural urbana. In Coelho, T. *A Cultura Pela Cidade* (pp. 87-101), São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

Ladeira, L. Rio&Cultura. Recuperado em 13 de julho de 2010 de www.rioecultura.com.br.

Lemos, R. (2009, janeiro 17). Muro entre Urca e Baía de Guanabara é cada vez mais disputado por cariocas, *Revista O Globo*. Rio de Janeiro.

Lukes, S. (2008). “Poder e autoridade”. In T. Bottomore; R. Nisbet. *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Monteiro, F. (2008, junho 30). Urca protesta contra obras. *O Globo*. Rio de Janeiro.

Moraes, A. (2004). Instituto Europeo anuncia sede em SP, a primeira fora da Europa. *Folha de São Paulo*. Recuperado em 30 de agosto de 2010, de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45113.shtml>.

Rodriguez, A. & Abramo P. (2008). Reinventar a cidade: urbanismo, cultura e governança na regeneração da cidade de Bilbao. In Coelho, T. *A Cultura Pela Cidade*. (pp. 103-134) São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

Sá, F. (2007, setembro 19). “Bafafá na Urca”. *Veja Rio*. Rio de Janeiro.

Sacco, P., Blessi, G. & Nuccio M. (2009). “Cultural Policies and Local Planning Strategies: what is the role of culture in local sustainable development?” *The Journal of Arts Management, Law and Society*, 39 (1), 45-64.

Santos, A., Kessel, C., & Guimaraens C. (2004). *Livro do Seminário Internacional “Museus e Cidades”*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.

Santos, M. (2008). *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Santos, M. (2009). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Saquet, M. (2007). As relações de poder e os significados do conceito de território. In *Abordagens e Concepções de Território*. São Paulo: Expressão Popular.

Sirkis, Alfredo. “Conhecendo o Museu do Rio”. Recuperado em 30 de agosto de 2010 de www2.sirkis.com.br.

Soja, E. (1993). *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Tay, P. e J. Coca-Stefaniak. (2010). Cultural Urban Regeneration – practice and policy in the UK and Singapore”. *Asia Pacific Journal of Arts & Cultural Management*, 7(1), 512-527.

Taylor, S; Spicer, A. (2007). Time for space: a narrative review of research on organizational spaces. *International Journal of Management Reviews*, 9(4), 325-346.

Vaz, L. (2004). A ‘culturalização’ do planejamento e da cidade: novos modelos? *The 11th International Planning History Conference – planning model and the culture of cities*. Barcelona, 14 to 17 July. Recuperado em 08 de julho de 2010 de http://www.etsav.upc.es/personals/iphs2004/pdf/063_p.pdf.

Vergara, S. C. & Vieira M. F. (2005) Sobre a Dimensão Tempo-Espaço na Análise Organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 9 (2), 103-119.

Vieira, E. F. & Vieira, M. F. (2003). *Espaços Econômicos: geoestratégia, poder e gestão do território*. Porto Alegre: Sagra Luzato.

Vieira, M. F. e Lacerda, D. (2010). Poder nas organizações: da dominação de poucos à ação de muitos. In Piccinini, V., Almeida M. & Oliveira S. *Sociologia e Administração: Relações Sociais nas Organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Volkerling, M. (2006). Wellington as a ‘Creative City’: after Florida – and before. *Asia Pacific Journal of Arts & Cultural Management*, 4 (2), 296-306.

ⁱ Evans, G. & Shaw, P. The contribution of culture to regeneration in the UK: a report to the DCMS. Londres: London Metropolitan University, 2004.

ⁱⁱ Kwok, K-W & Low, K-H. Cultural policy and the city-state: Singapore and the “New Asia Renaissance” in Crane, D., Kawashima, N. e K. Kawasaki. *Global culture: media, arts, policy and globalization*, 2002.

ⁱⁱⁱ Wee, C. J. W-L. Creating hight culture in globalized “cultural desert” of Singapore in *Drama Rewiew*, vol.47, nº 4, pp. 84-97, 2003.

^{iv} Evans, G. *Cultural planning: an urban renaissance?* Lodres: Routledge, 2001

^v Kong, L. Cultural policy in Singapore: negotiating economic and sócio-cultural agendas *In Geoforum*, Special Issue on Culture, Economy, Policy, pp. 1-35, 2000

^{vi} Chang, T. C. Renaissance revisited: Singapore as a global city for the arts *In International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 24, nº 4, pp. 818-832

^{vii} Cita a afirmação de Hobbes no décimo capítulo do *Leviatã*, de que o poder de um homem se constitui nos meios que possui para atingir uma vantagem futura.

^{viii} Fala da Presidente da Amour, Celinéia Paradela.